

A força da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul

BRIXIUS, Leandro; AGUIAR, Raquel; MORAES, Vanessa Almeida de*

“Público prioritário da Emater/RS-Ascar, a Agricultura Familiar tem sua importância consolidada na capacidade de absorção de mão-de-obra e de geração de renda no campo, se tornando um meio eficiente de reduzir a migração do campo para as cidades e também tem forte influência no que diz respeito à segurança alimentar e à preservação ambiental sempre buscando um desenvolvimento sustentável. Os números confirmam a importância desse público para o setor agrário no Rio Grande do Sul e no Brasil.”

Atualmente esse setor é responsável por 27% do Produto Interno Bruto (PIB) no Estado e produz 89% do leite, milho 74%, soja 58%, aves 74%, suínos 71%, bovinos de corte 38% e fumo 97% e, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do do Ibge, de 2005, a população residente em domicílios rurais no Estado foi estimada em 2.038.085 habitantes. Além disso, no Brasil, a Agricultura Familiar e empresarial representa 35% do total do país, envolvendo cerca de 14 milhões de pessoas e 25% das terras cultivadas e no RS a participação da população rural no total de habitantes é de 18,8%.

GERAÇÃO DE RENDA

Vale do Taquari tem economia estruturada na agricultura familiar

Zona de colonização alemã e italiana, o Vale do Taquari é formado hoje por milhares de minifúndios divididos após sucessivas partilhas provocadas por heranças. Graças a isso, a Região exibe um perfil agropecuário fundamentado em propriedades familiares, com atividades diversificadas e propulsoras de toda a economia regional. Percorrer as estradas desses 37 municípios, a maioria formada por pequenas localidades emancipadas nas últimas décadas, revela produtores dedicados à criação de suínos, aves ou gado leiteiro, voltados para o cultivo de milho, fumo, acácia, eucalipto ou frutas, ou, ainda, direcionados para a agroindústria-

lização. Porém, é comum encontrar aqueles que atuam em mais de uma área em busca de uma maior sustentabilidade e de melhores condições de bem-estar para viver no meio rural.

Não é absurdo nenhum afirmar que a Agricultura Familiar é responsável pelo desenvolvimento econômico da Região. Dados da Secretaria Estadual da Fazenda mostram que o Valor Adicionado Fiscal do Vale do Taquari, em 2004 – informação mais recente –, do setor primário, foi de R\$ 1,1 bilhão, o maior de todos entre os nove segmentos analisados. A agropecuária também coloca a Região em primeiro lugar no ranking de produtividade rural. Os bons resultados desse segmento são essenciais para que a indústria – fortemente marcada ainda pela agroindustrialização, como os frigoríficos e laticínios –, o comércio e os serviços também andem bem. Anta Gorda, município de 6,3 mil habitantes, sendo mais de dois terços vivendo no campo, é um exemplo forte dessa realidade. “Se três quartos da nossa arrecadação vêm da agricultura, chega a ser uma necessidade para a sobrevivência do município que esse setor produza e contribua para que possamos ir adiante”, avalia o prefeito Vanderlei Moresco.

Vale lembrar que os 75% do Valor Adicionado de Anta Gorda em 2005, creditados à agricultura, contabilizam apenas os negócios realizados pelos produtores rurais, sem levar em conta a arrecadação da agroindústria, creditada junto ao setor industrial. Já o comércio pára sem o dinheiro obtido pelos produtores rurais nas suas atividades com aves, suínos, leite, fumo ou milho, principalmente. “Anta Gorda é essencialmente agrícola. Somente algumas indústrias de vestuário, calçados e bebidas podem ser apontadas como menos dependentes, mas ocupam apenas uns 250 trabalhadores, enquanto que a agropecuária e o comércio concentram

*jornalistas do Emater/RS - ASCAR



o restante”, explica o agrônomo da Emater/RS-Ascar na cidade, Fernando Selayaran. O prefeito Moresco defende que o fortalecimento desse segmento e seu bom desempenho dependem do apoio da Prefeitura e outros órgãos públicos. “Temos que dar condições de acesso, boas estradas, energia elétrica, água, internet, enfim tudo que é preciso para que a família do agricultor viva bem e garanta a estabilidade econômica. O produtor precisa sentir que a propriedade rural é o melhor lugar do mundo para viver”, exemplifica o prefeito.

Para a família Zuffo, o campo é o espaço de trabalho e de lazer. Na propriedade de 32 hectares vive o casal Leoci, 66 anos, e Alice, 67 anos, e os filhos Leonardo – casado, com dois filhos –, Leimar – também casado, com um filho de oito meses – e Laércio. Outros três filhos escolheram Porto Alegre e Itú (SP) para morar. A casa é confortável e espaçosa, equipada com todos os itens que uma residência de classe média alta das cidades também tem: televisores, aparelho de DVD, computador, geladeira, freezer, entre outros. Na garagem, um automóvel Gol zero quilômetro e um Vectra 1997 estão à disposição. “A gente tem que ter conforto. O bonito de trabalhar é isso, fazer um churrasco no fim de semana, tomar uma cervejinha, ir a uma festa

na comunidade”, diz Leimar.

Tudo isso é resultado do trabalho de sol a sol na suinocultura, principal atividade econômica da família. São mil animais por ano, criados em ciclo completo e comercializados para uma agroindústria familiar do município. O alimento dos suínos vem, em maior parte, do milho colhido de 20 hectares, que resulta em uma produção total de 2,5 mil sacos. O cultivo é feito em plantio direto, evitando perdas de erosão e de nutrientes do solo, nas lavouras instaladas na área bastante declivosa. Para secar o grão, a propriedade conta com secador solar e dois silos, com capacidade de mil sacos cada. Mas na hora de investir em infra-estrutura e equipamentos, o associativismo é a palavra de ordem.

“É a saída para os agricultores. Temos máquinas e secadores em associação com outros vizinhos. Em poucos dias se faz o trabalho com uma plantadeira que, depois, ficaria parada. Então, não precisa ter uma só para isso. A mesma coisa é com a secagem, que é programada entre todos os associados. Vemos que aqueles que não participam enfrentam muito mais dificuldades”, explica Leonardo. Nesse processo, entra um parceiro importante dos agricultores familiares e responsável pelo fortalecimento desse segmento: a extensão rural. Os projetos de secadores e silos direcionados para os pequenos produtores foram desenvolvidos por técnicos da Emater/

RS-Ascar, que também acompanham a organização das associações de produtores, atividade realizada desde os grupos de jovens rurais, dos quais os Zuffo sempre fizeram parte. O Conselho Agropecuário do município é outro espaço de discussão das prioridades, do qual a família participa. A renda familiar é formada ainda pelos recursos obtidos com a comercialização dos cinco mil litros de leite ao mês, produzidos por 12



Família Zuffo faz da propriedade lugar de trabalho e lazer

vacas, do 1,5 hectare cultivado com 24 mil pés de fumo de galpão, que rendem até R\$ 15 mil de lucro, e de uma área de um hectare ocupada por eucaliptos.

O patriarca Zuffo aponta algumas diferenças entre a maneira de trabalhar e viver, ocorridas com o passar dos anos. “Hoje é mais fácil porque temos as máquinas para trabalhar na agricultura. Antes também se utilizavam muitos insumos, o que tornava a produção muito cara”,

compara. Também há mudanças no próprio estilo de vida, que coloca os produtores bem mais próximos das cidades, como as inovações tecnológicas na comunicação. No entanto, há ainda coisas que só o meio rural pode oferecer. “Temos carne de gado e porco, feijão, frutas, verduras, tudo produzido aqui. Do mercado vem mesmo só o que não conseguimos plantar e produtos de limpeza. Mas a tentação é grande, pois os caminhões dos supermercados passam na porta de casa para vender”, destaca Leimar.

Para ir adiante e deixar claro que é possível se modernizar, vivendo no meio rural com boas condições de vida, os Zuffo estão se capacitando em cursos para aprimorar a gestão da propriedade. Eles querem saber quanto ganham em cada etapa das atividades, mapear onde podem melhorar o desempenho. Tudo isso pensando nas crianças que se criam brincando junto aos adultos trabalhando. A família não quer repetir a experiência vivida em 1994, quando, por negócios equivocados, teve problemas financeiros e, à custa de muito trabalho, conseguiu se reerguer. “Não tínhamos condições de ir à capela tomar um refrigerante e essa não é a vida que queremos”, sinaliza Leimar.



Propriedade dos Zuffo é alto-sustentável

Perfil de Anta Gorda

Perfil de Anta Gorda

Milho: 7 mil ha – 27,3 mil t/ano

Fumo: 1,8 mil ha – 4 mil t/ano

Laranja: 126 ha – 1,5 mil t/ano

Erva-mate: 1 mil ha – 4 mil t/ano

Leite: 3,5 mil vacas – 14 milhões litros/ano

Suínos – 56 mil cabeças – 3,5 mil t/ano

Aves – 4,2 milhões cabeças – 8,4 mil t/ano

ORGANIZAÇÃO

Trabalhar em parceria é a alternativa para o agricultor familiar

Em constante busca de alternativas para se manter na atividade, o agricultor familiar tem, na organização das famílias em associações, cooperativas ou em condomínios rurais, bases para a sua manutenção no campo. Esse mecanismo possibilita a melhoria de desempenho para competir no mercado, alavancando a capacidade produtiva e, conseqüentemente, a qualidade de vida do agricultor familiar. A união desse público em diferentes formas associativas aumenta o poder de barganha, principalmente na aquisição de insumo e

equipamentos, com preços e prazos melhores, possibilitando o uso coletivo de maquinários, como caminhões, tratores e frigoríficos. Mas, acima de tudo, esses grupos compartilham a troca de experiências e buscam juntos a solução de problemas comuns aos seus integrantes.

Um reduto tradicional de integração de agricultores familiares é a Região Administrativa da Emater/RS-Ascar de Ijuí. No próprio município, há mais de 70 anos, um grupo de produtores organiza a mais tradicional feira local. Ao longo dos



Dona Lenir comercializa principalmente doces há 25 anos na Feira

anos, o espaço para comercialização da produção local passou por vários endereços e hoje está com sede própria e adequada para receber aproximadamente 4.000 pessoas por semana. Essa conquista se deu em 1991, quando os feirantes se reuniram e fundaram a Aproveira - Associação de Prestação de Serviços e Assistência Técnica dos Feirantes Produtores de Ijuí.

O trabalho feito em parceria com a Prefeitura possibilitou a compra do terreno e a construção, que abriga atualmente 48 produtores. Entre eles está a família de Paulo e Lenir Radüns, que há 25 anos enfrentam três vezes por semana a rotina de estar no ponto de comercialização “na cidade” as cinco da manhã, para vender geléias, doces, sucos e outros produtos oriundos da propriedade de 24 hectares, da localidade Linha 2 Oeste - Ijuí. “Essa foi a única maneira encontrada para nos mantermos na agricultura. Com o passar do tempo, o individualismo não deu mais certo. Tivemos que nos unir para melhorar”, lembra dona Lenir. A família tem como carro-chefe a produção de doces, feitos com as frutas da propriedade, com 10 mil quilos de geléias produzidas por ano. Esse trabalho agrega três vezes mais valor ao produto do que, por exemplo, a produção de trigo. “Já pensamos em largar tudo” diz Paulo Radüns.

“Eu gosto do que faço porque tem o contato com o público, tem a troca de idéias, se conhece a família de quem compra com a gente. É uma terapia, mesmo com tanto trabalho. Temos famílias já na terceira geração de feirantes. Me considero (sic) realizada na agricultura. Problemas na vida, todos nós temos, mas estamos mexendo com alimentos saudáveis (a produção de hortigranjeiros está em fase de transição). A venda direta gera um vínculo. Vêm comerciantes de outros municípios e 90% da rede hoteleira e de restaurantes também compram lá. Hoje temos na agricultura tudo o que temos na cidade, com mais qualidade de vida.”

A Aproveira também cede espaço para outras associações, como a Cooperflores - Cooperativa de Produtores de Flores, Plantas Ornamentais e Produtos Naturais do Estado do Rio Grande do Sul. Criada em 1998, conta com 28 associados, entre produtores, técnicos e pessoal de apoio. Para o presidente Vilerson Ceratti essa foi uma alternativa encontrada para enfrentar um mercado promissor, mas que pedia a organização dos produtores. “Compramos em conjunto, diversificamos a produção e, na hora de vender, temos mais variedades para oferecer”. Mas chegar a esse ponto de organização não foi fácil e a instituição da Cooperativa

passou por várias etapas. “Até a poucos dias se pensava que as flores eram artigo supérfluo, mas não são. Flor é qualidade de vida. Quem está no mercado tem que ter conhecimento da área, ter qualidade no produto e estar atento ao que o mercado busca, sempre com produtos novos e diversificação.”

A atividade ainda agrega bastante mão-de-obra e dá bom retorno financeiro, exigindo muito cuidado no trato e atenção constante, principalmente com o clima. A qualquer ameaça de chuva todos saem correndo para proteger as estufas. “Mas a crise no país nos afeta muito. Além de ser uma produção agrícola, que exige muito cuidado, não temos como armazenar flores. Elas têm que estar sempre prontas para serem vendidas”, analisa Ceratti. A produção da família é de 11 mil caixas por ano e absorve a mão-de-obra também dos dois filhos mais velhos do casal, além de cinco empregados contratados por períodos específicos.



Para os Ceratti trabalhar com flores é qualidade de vida

A Cooperativa proporcionou acesso à assistência técnica, principalmente a troca de informações, e já adquiriu um caminhão para fazer a entrega nos mais de 60 pontos de comercialização da produção na região Planalto, Noroeste e Alto Uruguai. Para agregar valor à produção, a família está trabalhando com prestação de serviços de ajardinamento. “Sem a Cooperativa não temos como continuar produzindo. Ficaríamos isolados e o negócio teria de parar e isso está acontecendo com aqueles que não aderiram ao grupo. Fico até um pouco chateado com a questão das pessoas não se envolverem muito com cooperativas. Nós somos muito mal educados sobre o assunto. Ela se mantém sem dívidas, com mensalidade simbólica dos associados e com percentual sobre as vendas. O panorama do mercado mudou muito rápido nos últimos três anos”, avalia Ceratti.

Já a Naturagro – Cooperativa de Agricultores Familiares de Produtos Agroecológicos e Coloniais do Noroeste do Rio Grande do Sul, reúne 20 famílias de produtores agroecológicos. A Naturagro surgiu durante os cursos de agroecologia de um grupo que optou pela Cooperativa, que veio facilitar a organização da produção e a comercialização de embutidos, como vinho, vinagre, galinha caipira, melado, açúcar-mascavo e mel, entre outros produtos. César Libardoni, primeiro secretário, neto de produtor agroecológico e há trinta anos na atividade, além de sobreviver razoavelmente bem, tem uma boa renda, preservando o ambiente para as futuras gerações. O ponto de venda instalado junto à Apae local proporciona essa mesma relação com a natureza e com o cliente no momento da comercialização. “Vendemos para pessoas que nos conhecem e sabem a origem do produto”, destaca Libardoni.

A capacitação profissional é uma preocupação constante do grupo, que está sempre participando de cursos e eventos na área, além da troca de experiências entre os associados. “Nós não dependemos de ninguém. A muda e as sementes são produzidas pelo grupo em um sistema de troca, e cada um produz o seu adubo”, diz Libardoni. “Sou agricultor por opção. Ficamos porque gostamos e não trocamos por nenhuma outra profissão. É o melhor local para criar os filhos e para morar”.



Libardoni está há 30 anos na atividade

Em dois anos de atividade, o condomínio faz triplicar a produção leiteira na comunidade

A comunidade de Ilha Grande, no município de Catuípe, de origem italiana, encontrou na união de seus integrantes uma alternativa para, não só viver da agricultura, como para ter qualidade de vida. Nessa pequena localidade, cercada literalmente por um braço do rio Ijuí, encontram-se exemplos de sucesso de organização. O Condomínio Bela Vista reúne hoje 33 famílias produtoras de leite, que entregam uma produção de 70 mil litros por mês a empresas da região. A opção por esse tipo de organização aconteceu há dois anos, quando três grupos separados forneciam o produto, mas obtinham preços diferenciados, não tendo forças de negociação com as empresas. Segundo o presidente do Condomínio, Aírto Vieira, a união se deu principalmente pela necessidade de discutir preços com os compradores. “Eles pagavam o que queriam e a gente tinha que aceitar. Mas isso mudou. Hoje, unidos, temos como barganhar cada centavo. Se não está bom, temos a liberdade de procurar outra empresa”.

O trabalho em parceria possibilitou também o aumento nos rendimentos dos produtores. Antes, o pagamento era recebido individualmente. Hoje, a

diretoria recebe da empresa compradora e repassa para os associados. Todo o controle de fornecimento é feito com orientação da Emater/RS-Ascar e com acompanhamento dos produtores, através de planilhas de entrega. O preço na entrega feita em conjunto rende entre R\$ 0,03 a R\$ 0,05 a mais por litro de leite do que no fornecimento individual do produto. “Temos agora o poder de barganha, de concorrência e, juntos, temos a produção próxima de um grande produtor” salienta o ex-presidente do Condomínio, Luiz Vieira.

Hoje, o leite é recolhido por um freteiro, que também é fornecedor, e passa pelo resfriador, com capacidade para quatro mil litros de leite, adquirido com recursos do RS Rural a fundo perdido. Dessa verba também foi construída a casa para abrigar o equipamento. O grupo está constantemente preocupado com a qualificação da sua produção. Já foram feitos cursos de manejo do gado e de inseminação, o que já rendeu o nascimento de novilhas em, aproximadamente, 30 vacas das raças Jérsei e Holandesa, melhorando significativamente a qualidade da produção. A união possibilitou que constantemente recebam a visita de veterinários em uma propriedade e, após, levem para suas casas o conhecimento adquirido. Tudo no grupo é discutido, desde o preço final do produto até as dificuldades individuais que cada produtor tem para melhor a qualidade do leite e, conseqüentemente, de toda a produção negociada. “Juntos, facilitou a troca de informações e do atendimento dos técnicos. Todos esses incentivos fizeram com que aumentássemos significativamente a nossa produção. Passamos da entrega de 25 mil litros de leite por mês para os 70 mil litros de leite hoje” comemora Vieira.



Condomínio entrega 70 mil litros de leite por mês

Jovens de Catuípe mantêm tradição em associativismo

Mas não existem só formas de associação para a exploração de potenciais agrícolas. Elas também se prestam para melhorar a qualidade de vida em grupo nas comunidades. Um bom exemplo de integração também está na comunidade de Ilha Grande, com o Clube 4-S Unidos Venceremos Ilha Grande. Herdeiros de uma tradição no Estado – a formação de grupos 4-S – 32 jovens mantêm o espírito de colaboração há 25 anos. Atualmente os associados organizam ações direcionadas para o lazer da comunidade. “Começamos a participar mais ou menos aos 15 anos e seguimos no grupo até casar”, esclarece o presidente Ederli Vieira.

O grupo possui estatuto com regras claras de participação e anualmente organiza várias atividades. Entre elas está a Jovemfest, festa que em 2006 reuniu um público de aproximadamente 700 pessoas, sendo 221 atletas. As decisões são tomadas sempre em assembléia e é feito um planejamento para o ano seguinte. O Clube também já adquiriu o campo de futebol e construiu um recanto nativo. Ederli exibe, orgulhoso, os inúmeros troféus na parede do Salão Comunitário da comunidade.

Airto Vieira, um ex-associado e atual presidente do Condomínio Bela Vista, fala de uma de suas experiências mais marcantes no grupo. “Graças ao grupo conheci o mar com quase 30 anos de idade, em uma das excursões organizadas por nós”. Eles promovem diversas festas e quermesses ao longo do ano, para subsidiar essas atividades que não são restritas apenas aos integrantes do Clube, mas também a toda a comunidade. Dessa união também já rendeu o título de primeira comunidade rural a fazer rede de água encanada no Estado.

SEGURANÇA ALIMENTAR

Soja é parceira da segurança alimentar em Frederico Westphalen

Alimentação, saúde e qualidade de vida estão diretamente relacionadas. Alimentação e agricultura, também. Tendo em vista essa convergência, a extensão rural do Rio Grande do Sul executa ações voltadas à segurança alimentar e nutricional sustentável. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, a segurança alimentar existe quando todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico e econômico a uma alimentação que seja suficiente, segura, nutritiva e que atenda às necessidades nutricionais e preferências alimentares, de modo a propiciar vida ativa e saudável.

“Nosso objetivo é buscar a segurança e a soberania alimentar, com ações que viabilizem a geração e a distribuição da produção agrícola, em quantidade e qualidade suficientes. Informar, orientar e qualificar agricultores familiares, quilombolas, indígenas, pescadores artesanais e assentados, sobre os cuidados que devem ser tomados em relação ao alimento produzido, consumido e comercializado fazem parte das nossas estratégias”, explica a assistente técnica estadual de Segurança Alimentar, Magda Limberger Tonial. Ela acrescenta que são desenvolvidas atividades, junto ao público assistido, de educação para o aproveitamento integral dos alimentos, a manutenção e o resgate de culturas alimentares, orientação para o consumo de alimentos que visam a manutenção da saúde, a produção orgânica e a manutenção da biodiversidade.

Pensando em melhorar a qualidade da alimentação de famílias carentes do município de Frederico

Permanência no campo

Os Clubes 4-S estão presentes no Estado há mais de 50 anos, mas atualmente o número é bem reduzido. No início eram organizações de jovens rurais, formados por homens e mulheres, filhos de agricultores, com idade entre 15 e 25 anos e que recebiam uma espécie de complementação na educação. Nesses espaços, com regras estipuladas

pelos associados, os jovens recebiam orientação sobre tecnologias para a agricultura e pecuária, administração da propriedade, nutrição, alimentação, saúde, atividades artesanais, entre outras atividades. Os quatro “ésses” distribuídos nas quatro folhas do trevo, emblema da organização, significam: Saber, Sentir, Saúde e Servir.

Westphalen, até uma “vaca mecânica” foi colocada em ação. Um projeto social desenvolvido em Frederico Westphalen, chamado Soja Saúde, propiciou às famílias carentes do município, aos alunos da rede escolar e aos integrantes dos grupos de Terceira Idade, receberem o extrato de soja, também conhecido como leite de soja. Segundo a Embrapa, a soja é considerada um alimento funcional porque, além de funções nutricionais básicas, produz efeitos benéficos à saúde, reduzindo os riscos de algumas doenças crônicas e degenerativas. O projeto Soja Saúde foi viabilizado graças a uma parceria entre a Prefeitura, por meio das Secretarias da Agricultura, Saúde, Educação e Assistência Social, a Emater/RS-Ascar e a Embrapa-Soja.

“Vaca mecânica” é o apelido dado ao equipamento que faz a extração do leite de soja. Essa máquina estava desativada desde 1998 e foi reativada com o projeto, em 2005. “Tínhamos o equipamento e estava parado. Ativamos para desenvolver esse projeto de cunho social. Nossa intenção é ampliar e beneficiar mais famílias”, analisa o prefeito Luiz Carlos Stefanello. Para o coordenador da área de produção do Soja Saúde, Paulo Henrique Grassi, as informações e a divulgação que se têm hoje sobre os benefícios da soja auxiliaram no sucesso do projeto. Grassi conta que, após a

decisão de se reativar o equipamento, foi feito um cadastro das famílias beneficiárias, pelas agentes comunitárias de saúde, pela Assistência Social e pelo Conselho Municipal de Assistência Social do Município. “Essas famílias que fazem parte do projeto têm uma contrapartida a dar. Elas prestam serviços em entidades, precisam participar de cursos e, obrigatoriamente, devem manter a higiene e organização na casa. É uma espécie de compromisso firmado” explica Grassi.

Após o cadastramento, as famílias, autoridades e lideranças locais participaram de um evento, onde a pesquisadora da Embrapa Soja, Vera de Toledo Benassi, fez esclarecimentos sobre os benefícios da soja, quais as variedades indicadas para o consumo humano, entre outras informações que, segundo a extensionista da Emater/RS-Ascar, Vera Cancian, foram fundamentais para incentivar a participação das pessoas. Também nesse evento, houve degustação de alimentos preparados à base de soja, bem como o lançamento de um livro de receitas. “O pessoal saiu do evento com uma idéia diferente sobre a utilização da soja na alimentação. Viram que se pode fazer diferentes pratos, com a vantagem nutricional que a soja garante”, destaca Vera.

No ano de 2006, a soja passou a ser utilizada na merenda escolar. Com o acompanhamento da nutricionista, Débora Quatrin, o leite e o resíduo de soja passaram a fazer parte da alimentação das crianças. Na Escola Municipal de Educação Infantil Sofia Pich, que atende 70 crianças de zero a cinco anos, a cada semana são consumidos cerca de dois quilos de resíduo e cinco litros do extrato. “As crianças se habituaram com a soja na merenda. A aceitação foi muito boa. Em todas as nossas receitas acrescentamos um pouco de soja”, diz a diretora da Escola, Vera Lúcia Pazuch Flach, que acredita nos benefícios do grão.



Projeto Soja Saúde visa diminuir riscos de doenças crônicas



Crianças recebem reforço com soja na merenda escolar

O Soja Saúde não beneficiou apenas as pessoas que recebem o complemento alimentar. O produtor também foi beneficiado. Hoje a Prefeitura compra soja orgânica de quatro produtores do município, que garantem o produto para todo o ano. “Num primeiro momento adquirimos soja de outros municípios, mas hoje já contamos com a produção local. Além disso, a exclusividade é para a soja orgânica, que é mais saudável”, explica o coordenador Grassi. Para o produtor e um dos fornecedores de soja, Célio Pellegrin, o projeto está cumprindo duas funções. A primeira, de propiciar uma alimentação saudável e, a segunda, de resgatar a forma de produção do grão, visto que só é aceita a soja orgânica. “Acredito que a sociedade está se conscientizando e aos poucos vai procurar alimentos mais saudáveis. Essa iniciativa do projeto é fantástica e, para mim, foi uma oportunidade de negócio”, comenta Pellegrin, que produz pouco mais de dois hectares.

No início, eram extraídos 300 litros do leite de soja por semana. Hoje, o projeto atende a 500 pessoas e a extração semanal é de 1.000 litros, feita pelos funcionários Elza Tiburski e José Susbach, comprometidos com o sucesso do trabalho. Outra ampliação do projeto foi a forma de distribuição. Primeiro, as pessoas tinham que vir até a sede do município para buscar o produto, mas, para facilitar e

evitar que o leite perca as propriedades ou até mesmo estrague durante o transporte, a entrega é feita por meio dos veículos escolares, que percorrem as comunidades rurais e bairros. Parte do resíduo da soja ainda é destinado para a padaria comunitária do município, que prepara alguns alimentos também usados na merenda escolar. O próximo passo, programado para o ano de 2007, é utilizar a “vaca mecânica” para extrair suco de frutas.

Quem recebe o extrato da soja confirma a importância do Soja Saúde. “Para mim é muito bom. Eu fiquei mais gente depois desse projeto, que me deu mais saúde, mais força para trabalhar. O outro leite? Eu nem quero mais saber”, garante José Alexandre Dala Nora, que pega seis litros do leite por semana. Da mesma opinião é Edeltrudes Maria Kubiszewski, que tem três filhos e pega quatro litros por semana. “Meu menino de três anos nunca tomou leite de vaca e o desenvolvimento dele é excelente. É só saúde. Nós todos lá em casa tomamos”.

Na visão da extensionista da Emater/RS-Ascar, Vera Cancian, o êxito do Soja Saúde tem dois segredos: o trabalho em parceria e o envolvimento da população. “As pessoas estão engajadas, querem o sucesso do projeto. Além de todos os benefícios à saúde, estamos agregando valor ao que é produzido pela agricultura familiar do município”, completa Vera.